

JUVENTUDES ESCOLARIZADAS E SUAS PERCEPÇÕES DO ESPAÇO URBANO: SEGURANÇA PÚBLICA, CIDADE E ESCOLA

Juventudes escolarizadas y sus percepciones del espacio urbano: seguridad pública, ciudad y escuela

 **Gabriela Borba Bispo dos Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1070-2976>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

Contato: gabrielasantos1996@hotmail.com

 **Victor Hugo Nedel Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

Contato: victor.nedel@ufrgs.br

Resumo: As juventudes contemporâneas caracterizam-se por sua heterogeneidade, expressa em inúmeras formas de ser e estar jovem na sociedade contemporânea. A cidade, por sua vez, constitui o principal palco das vivências juvenis, configurando-se como cenário da diversidade que caracteriza essas experiências. A presente pesquisa teve como objetivo investigar os temas latentes sobre a cidade, com base nas vivências dos jovens estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para alcançar esse objetivo, foram realizados três grupos focais, baseados em temáticas emergentes das etapas iniciais da investigação: segurança pública, cidade e escola. Os grupos focais contaram com a participação de seis jovens estudantes cada. Os resultados apontam que a percepção das juventudes configura-se como um limiar entre dimensões biológicas e sociais, com maior ênfase nas vivências sociais coletivas. Observou-se que, apesar de reconhecerem a insegurança nos deslocamentos urbanos, os jovens continuam circulando pela cidade, demonstrando a relevância das experiências coletivas em suas vidas. Esses achados reforçam a ideia de que a juventude contemporânea atribui grande valor às práticas sociais em espaços compartilhados, mesmo diante dos desafios impostos pelo contexto urbano.

Palavras-chave: Juventudes; Grupo Focal; Escola; Cidade; Segurança Pública.

Resumen: Las juventudes contemporáneas se caracterizan por su heterogeneidad, expresada en innumerables formas de ser y estar joven en la sociedad contemporánea. La ciudad, por su parte, constituye el principal escenario de las vivencias juveniles, configurándose como un escenario de la diversidad que caracteriza esas experiencias. La presente investigación tuvo como objetivo investigar los temas latentes sobre la ciudad, basándose en las vivencias de los jóvenes estudiantes del Colegio de Aplicación de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Para alcanzar

este objetivo, se realizaron tres grupos focales, basados en temáticas emergentes de las etapas iniciales de la investigación: seguridad pública, ciudad y escuela. Los grupos focales contaron con la participación de seis jóvenes estudiantes en cada uno. Los resultados indican que la percepción de las juventudes se configura como un umbral entre dimensiones biológicas y sociales, con mayor énfasis en las vivencias sociales colectivas. Se observó que, a pesar de reconocer la inseguridad en los desplazamientos urbanos, los jóvenes siguen circulando por la ciudad, demostrando la relevancia de las experiencias colectivas en sus vidas. Estos hallazgos refuerzan la idea de que la juventud contemporánea otorga gran valor a las prácticas sociales en espacios compartidos, incluso frente a los desafíos impuestos por el contexto urbano.

Palabras clave: Juventudes; Grupo Focal; Escuela; Ciudad; Seguridad Pública.

Introduzindo o debate

O tema das juventudes contemporâneas tem ganhado crescente atenção no meio acadêmico, com o objetivo de compreender a vivência dos jovens na sociedade atual. Segundo o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013a), a juventude corresponde à faixa etária dos 15 aos 29 anos. Trata-se de um período marcado por intensas transformações, como a realização e conclusão do Ensino Médio, o ingresso na universidade e/ou a inserção no mundo do trabalho. Os jovens estão presentes em diversos contextos, mas frequentemente são excluídos dos processos decisórios e, muitas vezes, suas vozes não são ouvidas.

A frase "o jovem não é levado a sério", imortalizada pela música de Chorão e Negra Li reflete uma realidade que persiste no Brasil até os dias de hoje. Essa situação pode ser atribuída à ideia equivocada de que "ser jovem" implica imaturidade, uma noção falaciosa, pois se sabe que jovens possuem opiniões próprias, sendo decisivo para o seu desenvolvimento pessoal o engajamento em discussões importantes, como a relacionada à educação.

Em 2016, o Congresso Nacional aprovou uma emenda constitucional que congela, por 20 anos, os investimentos em áreas essenciais como saúde e educação. No mesmo ano, o Ministério da Educação anunciou uma reforma no Ensino Médio (Silva; Oliveira, 2023), que propunha a flexibilização de algumas disciplinas e a exclusão de outras. Esses eventos geraram uma forte reação entre os estudantes, que protagonizaram ocupações em diversas instituições de ensino, especialmente as públicas, em todo o Brasil (Grosso *et al*, 2017). A principal reivindicação dos jovens era uma educação de qualidade, o que evidenciou a importância da participação juvenil e o papel fundamental de garantir-lhes voz nas decisões políticas.

A população jovem brasileira constitui um público alvo de diversas estratégias comerciais, incluindo *marketing*, mídia e indústrias de consumo. Essa realidade é analisada por Oliveira, Lacerda e Novaes (2021), que observam como a juventude se transforma em mercadoria, à medida que o conceito de "ser jovem" se torna um padrão estético consumido pela sociedade. Esse mito da "eterna juventude" é promovido por uma indústria que prioriza a aparência física, muitas vezes ignorando os efeitos negativos no corpo e na saúde. Sarlo (2000) afirma que os jovens rejeitam os "impostores" – aqueles que não atendem aos padrões da idade e que, ao tentar reproduzir um ideal de juventude estética, perdem sua autenticidade.

Além disso, a apropriação dos espaços urbanos pelos jovens está intrinsecamente ligada aos laços de pertencimento. Como destacam Oliveira e Lacerda (2018), muitos jovens ainda não possuem uma plena apropriação do espaço urbano, seja por desconhecimento sobre os trajetos ou por não saberem como acessar determinadas áreas da cidade. Em consonância com Carrano (2003), observamos que as cidades são territórios dinâmicos de ação social para a juventude, sendo moldadas por suas práticas cotidianas. Esses espaços urbanos, embora frequentemente desafiadores, tornam-se espaços de identidade para os jovens, marcados por múltiplas relações sociais e culturais. O trabalho de Oliveira *et al.* (2018) realizado em São Borja, interior do Rio Grande do Sul, revelou que, em algumas cidades menores, a falta de espaços de lazer e convivência faz com que os jovens prefiram permanecer em casa, sinalizando a ausência de um "lugar" de identificação na cidade.

A sociedade nos revela que a juventude é um grupo heterogêneo, composto por indivíduos que pertencem a diferentes contextos sociais e culturais, e, portanto, identificam-se com distintos grupos. Essa diversidade contribui para a formação do sentimento de pertencimento, o que corrobora a afirmação de Feixa (1998), segundo a qual as culturas juvenis são expressas coletivamente. No entanto, é importante reconhecer que a realidade desses jovens é variada: enquanto alguns pertencem à classe média, com acesso a uma educação de qualidade e mais oportunidades, outros vivem em contextos de periferia, onde a educação é precária e a necessidade de trabalhar para sustentar a família frequentemente limita suas possibilidades.

De acordo com os dados do IBGE (2010), uma significativa porcentagem de jovens, 53,5%, está inserida no mundo do trabalho, enquanto 36% dedicam-se exclusivamente aos estudos. Apenas 26,8% conciliam trabalho e estudo. Esse cenário reflete a realidade de muitos jovens de periferia, que, por questões financeiras, enfrentam desafios adicionais para manter sua educação enquanto garantem sua subsistência. A classe média, por outro lado, tem maior flexibilidade para se dedicar ao estudo, já que não precisam trabalhar para garantir seu sustento. A cidade, como espaço de ação e convivência, desempenha um papel crucial na formação da identidade dos jovens.

No entanto, as questões de mobilidade e segurança nas grandes cidades têm dificultado a apropriação plena do espaço urbano. Segundo a Secretaria Nacional da Juventude (Brasil, 2013b), a violência e a falta de segurança são algumas das principais preocupações dos jovens, com 51% afirmando já ter perdido alguém próximo devido a essas questões. Além disso, as dificuldades no transporte público, como veículos sucateados e tarifas elevadas, também impactam a capacidade de jovens de usufruírem de toda a cidade. Como afirmam Cassab (2011) e Oliveira (2020), as cidades são espaços de aprendizagem e educação, oferecendo redes de relações e práticas que formam a subjetividade dos indivíduos. O espaço urbano, como definido por Clark (1991), é uma unidade composta por edifícios, atividades e população que se interagem no território, sendo um reflexo das dinâmicas sociais e culturais. Santos (1997) acrescenta que o espaço geográfico é um conjunto complexo e contraditório de objetos e ações, que, juntos, constituem o palco onde a história acontece. A juventude é, portanto, um campo de grande diversidade, e, como Pais (2003) nos alerta, é fundamental reconhecer a pluralidade das experiências juvenis. As chamadas culturas juvenis são fruto da interação entre as experiências individuais e

coletivas, expressas em práticas sociais que acontecem em espaços urbanos, como a escola, a casa e os espaços públicos da cidade.

Este artigo tem como objetivo investigar como os jovens do Colégio de Aplicação da UFRGS percebem e se relacionam com a cidade de Porto Alegre e, portanto, se inscreve em um subcampo da Geografia denominado “Geografias das Juventudes”, no qual se busca entender as relações que os jovens estabelecem com os espaços em que vivem e transitam, com os territórios urbanos e rurais, e sobre suas vivências e percepções do espaço. Examina como questões como identidade, mobilidade, segurança, e pertencimento influenciam as práticas e os imaginários desses jovens, principalmente nas cidades. Esse enfoque permite análises das dinâmicas espaciais, sociais, culturais e políticas que moldam as juventudes, promovendo uma reflexão crítica sobre o impacto do espaço nas experiências formativas de jovens (Cardoso; Turra Neto, 2011; Oliveira, 2023; 2024).

Caminhos da pesquisa

Este artigo é um dos resultados de um projeto maior intitulado “(De) Marcando a cidade: vivências urbanas de jovens-estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS” (Oliveira, 2018). Seu objetivo principal foi analisar as experiências e percepções urbanas vividas pelos jovens estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para alcançar tal propósito, a pesquisa seguiu um desenho metodológico estruturado em três etapas principais: na primeira etapa, elaborou-se um questionário autoaplicável, composto por três seções: caracterização dos participantes, uma escala Likert e questões relacionadas à cidade de Porto Alegre (Santos *et al*, 2019). Na segunda etapa, os participantes redigiram uma carta destinada a um visitante hipotético, com o objetivo de apresentar os principais pontos da cidade de Porto Alegre (Barbosa *et al*, 2020). Essa atividade foi realizada por jovens-estudantes de uma turma do segundo ano do Ensino Médio.

O público-alvo da pesquisa foram alunos do Ensino Médio, definidos como sujeitos em conformidade com a faixa etária estabelecida pelo Estatuto da Juventude, que abrange indivíduos de 15 a 29 anos, em outras palavras, foram jovens escolares (Cavalcanti, 2013) os participantes da investigação. Para garantir a inclusão de todos os estudantes, o questionário foi disponibilizado em formato impresso para aqueles que não possuíam acesso a dispositivos eletrônicos ou à internet.

Na terceira etapa, desenvolveu-se a técnica de grupos focais. Inicialmente, alunos do terceiro ano do Ensino Médio foram selecionados aleatoriamente entre aqueles que participaram das etapas anteriores, quando estavam no segundo ano. No primeiro contato, os pesquisadores se apresentaram e explicaram os objetivos da pesquisa, o funcionamento dos grupos focais, os horários agendados e a necessidade de confirmação de presença. A temática específica de cada grupo foi revelada apenas no momento da realização.

Os grupos focais, conforme descrito por Kind (2004), utilizam a interação grupal para gerar dados e insights que dificilmente seriam obtidos em outras configurações. Essa

abordagem valoriza a construção coletiva de ideias, permitindo que os participantes expressem concordâncias e divergências. Concordamos com Kind (2004) ao destacar que:

os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e insights que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. [...] O grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, a priori, para investigações qualitativas (p. 125)

Embora os grupos focais não aprofundem as narrativas individuais como entrevistas, sua dinâmica possibilita a análise de aspectos contraditórios, colaborativos e agregadores das interações entre os participantes, fomentando reflexões que dificilmente emergiriam em contextos individuais. Foram realizados três grupos focais (Barbour, 2009), cada um com seis jovens, com duração aproximada de 45 minutos. As temáticas abordadas foram definidas com base nos principais tópicos emergentes das etapas anteriores (questionário e carta ao visitante): “segurança pública”, “cidade” e “escola”. A análise dos resultados envolveu a interpretação dos conteúdos discutidos nos grupos focais, a seleção das expressões mais marcantes e a construção de nuvens de palavras, que destacaram os termos mais recorrentes nas discussões. Nessa representação, o tamanho das palavras indica sua frequência de menção, permitindo identificar as questões mais relevantes para os participantes.

A presente pesquisa foi aprovada pela Comissão de Pesquisa do Colégio de Aplicação da UFRGS e pelo Comitê de Ética da UFRGS. Foi obtido o consentimento formal dos responsáveis pelos jovens, quando menores e o assentimento da própria instituição, de acordo com o disposto na Resolução 510/2016 (Brasil, 2016).

Alguns achados

A segurança pública

O grupo focal com a temática da segurança pública foi conduzido ao longo de 45 minutos, com a participação de seis jovens estudantes. As discussões deste grupo focal foram organizadas em três categorias principais: a percepção de insegurança na cidade de Porto Alegre, a relação entre segurança e o ambiente escolar e as experiências de violência simbólica vivenciadas pelos alunos. Essas categorias sintetizam as complexas interações entre espaço, segurança e juventude, evidenciando a relevância do tema para futuras investigações e políticas públicas. A nuvem de palavras apresentada que segue representa os termos mais recorrentes na discussão.

Figura 1 – Nuvem de Palavras do Grupo Focal “Segurança Pública”



Fonte: banco de dados da pesquisa. Organização: Os autores (2025)

A primeira questão dirigida aos participantes foi: “O que é ser jovem?”. De modo geral, as respostas destacaram a juventude como uma fase de intensas descobertas pessoais e de ampliação do conhecimento intelectual, marcada por reflexões sobre como se apresentar ao mundo e compreender certos fenômenos da vida. Contudo, os jovens também apontaram que essa etapa é caracterizada por uma incerteza quanto às consequências de suas ações, além de uma ambivalência entre desejar algo intensamente e, devido à dependência financeira dos pais, não conseguir concretizar tais desejos.

Em relação à pergunta “Vocês se sentem seguros no Colégio de Aplicação?”, constatou-se que a maioria dos participantes não se sente plenamente segura no ambiente escolar. Mencionaram preocupações com a possibilidade de atentados ou assaltos nas dependências da instituição. Apesar disso, reconhecem que o Colégio de Aplicação da UFRGS possui medidas de segurança consideradas superiores às de outras instituições de ensino em Porto Alegre. No que tange à violência simbólica, os participantes relataram uma percepção de que essa forma de agressão é menos frequente e combatida na escola. Contudo, citaram dois casos específicos de misoginia praticados por professores do gênero masculino.

Quando questionados se já haviam deixado de frequentar algum espaço público de Porto Alegre por medo, mais da metade afirmou que, apesar da evidente insegurança em diversos locais, continuam utilizando esses espaços. Justificaram essa postura com a naturalização do medo e a percepção de que a insegurança não está associada a lugares específicos, mas ao fluxo urbano em geral. Ressaltaram ainda que as mulheres enfrentam riscos mais significativos durante seus deslocamentos, incluindo a violência sexual. Próximo à escola, especificamente nas paradas de ônibus, destacaram a preferência por andar em grupos para reduzir os riscos de assaltos.

Sobre a pergunta “O que torna um lugar inseguro?”, os jovens mencionaram características como solidão, falta de iluminação, presença de “pessoas suspeitas” e locais com acesso limitado. Apontaram novamente que o trânsito pela cidade, mais do que os

lugares em si, gera a sensação de insegurança, intensificada pelo medo de não ter a quem recorrer em situações de perigo.

No que se refere a possíveis soluções para minimizar a insegurança, os participantes sugeriram o aumento do policiamento, controle de grupos sociais, investimentos em tecnologia (como câmeras de vigilância) e melhorias na iluminação pública. Contudo, reconheceram que essas medidas não seriam capazes de eliminar completamente a insegurança. Além disso, destacaram que, dependendo da região, a intensificação da presença policial poderia aumentar a violência, em vez de reduzi-la. No caso específico da escola, sugeriram o reforço da segurança, especialmente no horário de saída dos alunos, que ocorre às 17h30min. Relataram que, frequentemente, o guarda responsável pela segurança deixa o posto logo após o fechamento do portão.

Ao apresentar uma manchete destacando que “os alunos de todos os *campi* da UFRGS vivem uma rotina de assaltos e violência”, foi questionado se esses fatores influenciam o desempenho escolar. A maioria dos jovens concordou que sim, especialmente em escolas localizadas em áreas periféricas. Relataram que o Campus do Vale é particularmente inseguro devido a caminhos desertos e à vegetação alta, fatores que contribuem para a sensação de vulnerabilidade. Alguns jovens afirmaram que, após serem vítimas de assalto, passaram a evitar frequentar as aulas por medo e pelo impacto psicológico do evento. Também mencionaram que muitos alunos noturnos acabam abandonando os estudos devido à insegurança, o que contribui para a evasão escolar, especialmente em bairros com baixos níveis de segurança.

A partir da pergunta “Vocês já deixaram de andar com um objeto de valor por medo de serem assaltados?”, todos os participantes responderam afirmativamente. Entre os objetos citados, destacaram-se celulares e relógios. Alguns relataram que, após serem assaltados, mudaram seus hábitos, como esconder relógios sob as mangas ou guardar celulares em mochilas.

Quando apresentados a uma manchete que mencionava o bloqueio de projetos de segurança nas escolas pela Assembleia Legislativa do RS, os participantes foram questionados sobre o desinteresse governamental em garantir a segurança escolar. A maioria concordou que esse desinteresse se deve ao perfil socioeconômico da elite política, que não vivencia diretamente os desafios das escolas públicas. Argumentaram que há uma intenção deliberada de manter essas instituições em condições inferiores, de modo a favorecer o setor privado e restringir o acesso à educação de qualidade, perpetuando desigualdades sociais.

Por fim, questionou-se qual manchete sobre segurança em Porto Alegre os jovens gostariam de ler em vinte anos. As respostas incluíram expectativas de escolas mais seguras e acessíveis, redução dos índices de criminalidade, restauração de espaços simbólicos da cidade, como o Parque da Redenção, e uma cidade onde as pessoas não temam transitar pelas ruas.

A cidade

O grupo focal sobre os espaços de Porto Alegre teve duração de 45 minutos e contou com a participação de seis jovens estudantes. A seguir, apresenta-se uma nuvem de palavras que reflete os temas mais recorrentes na discussão.

Figura 2 – Nuvem de Palavras do Grupo Focal “Cidade”



Fonte: banco de dados da pesquisa. Organização: Os autores (2025)

A discussão iniciou com a pergunta: “O que é ser jovem?”. As respostas oscilaram entre dois eixos principais: a definição pela faixa etária e pela vivência subjetiva. Sob a perspectiva dos participantes, a juventude, quando definida pela idade, refere-se ao jovem-adulto de até 25 anos, com vida social ativa e em processo de formação de identidade. Por outro lado, destacaram que a juventude também pode ser percebida como um estado de espírito, independente da idade cronológica, caracterizado por uma disposição ativa para a vida social e as experiências cotidianas.

Ao serem questionados sobre seus espaços preferidos na cidade, os jovens destacaram três principais: os shoppings, a Casa de Cultura Mario Quintana e suas próprias casas. Nos shoppings – como o Praia de Belas, Iguatemi e Bourbon Ipiranga – apreciam atividades como assistir a filmes, fazer refeições na praça de alimentação e passear pelas lojas. A Casa de Cultura Mario Quintana foi valorizada por sua atmosfera singular, especialmente o Jardim Lutzenberger, onde gostam de tomar café e observar a dinâmica do local. Em relação às suas residências, mencionaram que, por meio do ciberespaço, mantêm contato com amigos pelas redes sociais e jogam games virtuais.

Ao discutir a discrepância na frequência de determinados espaços – como o shopping, cinema e restaurantes em comparação a museus, clubes e teatros –, emergiram análises sobre acessibilidade e atratividade. Os shoppings foram descritos como ambientes multifuncionais, que oferecem diversidade de opções em um único local. Já os museus, sobretudo os de história, foram percebidos como menos atrativos para os jovens devido à sua abordagem tradicional, enquanto os museus de ciência e tecnologia, como o da

PUCRS, despertaram maior interesse por suas propostas interativas. No caso do cinema e do teatro, a preferência recaiu sobre o cinema devido à imersão proporcionada pela tecnologia 3D, efeitos especiais e trilha sonora. Por fim, aspectos financeiros e a percepção de monumentalidade de alguns espaços, como teatros e museus, também foram apontados como barreiras para a frequência juvenil.

Sobre onde percebem a presença da cultura em Porto Alegre, destacaram o Centro Histórico, sobretudo pela arquitetura influenciada pela cultura europeia, e os grafites espalhados pela cidade, que expressam uma dimensão cultural mais ampla. Mencionaram ainda o Parque Farroupilha (Redenção), que aos domingos abriga rodas de capoeira e o Brique da Redenção, como espaços culturais relevantes. A revitalizada orla do Gasômetro foi identificada como um local de intensa movimentação juvenil, especialmente aos finais de semana.

A revitalização da orla do Gasômetro foi elogiada por torná-la mais convidativa para encontros entre amigos, embora sua superlotação nos finais de semana tenha sido criticada. Durante o dia, a orla é frequentada por famílias e jovens que praticam atividades como piqueniques e ciclismo; à noite, o espaço é dominado por jovens em grupos, muitas vezes acompanhados de música alta e consumo de álcool ou drogas ilícitas. Durante a semana, a movimentação é menor e mais diversificada em termos de faixa etária.

Quando questionados sobre quais espaços apresentariam a visitantes, os jovens citaram o Parque Germânia, a Casa de Cultura Mario Quintana, o bairro Cidade Baixa, a Fundação Iberê Camargo, o Beira-Rio e o shopping. Locais não mapeados, como a Praça da Alfândega, também foram mencionados espontaneamente.

Em relação à ocupação do tempo livre, identificaram-se diferenças significativas entre dias úteis e finais de semana. Durante a semana, devido à rotina escolar, os jovens tendem a permanecer em casa. Nos finais de semana, optam por frequentar locais como shoppings, a orla do Gasômetro e a casa de amigos.

O consumo em Porto Alegre foi identificado em quatro categorias principais: shoppings, museus, compras online e a Rua Voluntários da Pátria. Apesar de frequentarem shoppings, os jovens relatam consumo limitado devido aos preços elevados, enquanto percebem a Voluntários da Pátria como um espaço mais acessível.

Por fim, apontaram a necessidade de mais bibliotecas públicas, shows ao ar livre e o retorno dos "corujões" em *lan houses*, locais valorizados por oferecerem oportunidades de socialização e lazer acessível.

A escola

O grupo focal dedicado à temática da escola teve duração de 45 minutos e contou com a participação de seis jovens estudantes. Para sintetizar os tópicos discutidos, foi elaborada uma nuvem de palavras, destacando os termos mais recorrentes ao longo da interação.

escola como uma "simulação da vida," na qual são vivenciadas dinâmicas sociais e hierárquicas similares às do ambiente de trabalho.

Ao analisarem uma nuvem de palavras associada ao colégio, os jovens destacaram termos positivos, como "oportunidade," "esperança" e "futuro." Contudo, também identificaram aspectos negativos, como "*bullying*" e "desespero," que remetem a experiências de sofrimento ou traumas. No geral, os participantes valorizaram o CAp como um espaço de diversidade e convivência mista, sem divisões sociais rígidas.

Comparado a escolas privadas, o CAp foi descrito como mais inclusivo, ao reunir estudantes de diferentes origens socioeconômicas e ao valorizar tanto áreas de exatas quanto artísticas. Em contraste com escolas públicas, o CAp se destacou pela infraestrutura superior, pela oferta de línguas estrangeiras adicionais, como o alemão, e por disciplinas eletivas.

A análise de uma manchete sobre as Jornadas de Julho (2013) suscitou reflexões sobre o protagonismo juvenil contemporâneo. Embora alguns tenham apontado que os jovens sempre desempenharam papéis revolucionários – como na Revolta dos Pinguins –, destacaram-se três fatores que potencializam o protagonismo atual: o domínio tecnológico, os espaços de expressão e uma formação educacional mais aberta.

Por fim, ao oferecerem conselhos a novos estudantes, os participantes sugeriram que aproveitassem ao máximo as oportunidades oferecidas pela instituição, valorizassem o espaço e se engajassem nos projetos escolares.

Considerações para prosseguir o debate

Ser jovem, conforme apontam diversos estudos nas ciências sociais, é uma construção social. Ainda que, em áreas da saúde, como a psicologia, a juventude seja frequentemente associada à adolescência e às características biológicas desse período — como as alterações hormonais da puberdade —, a compreensão social transcende esses limites. Nas opiniões dos jovens entrevistados, emerge um limiar entre “ser” e “estar” jovem: de um lado, uma identidade menos vinculada a aspectos biológicos e etários; de outro, uma definição ainda moldada por essas questões. Vale destacar que, para alguns jovens, a juventude não é apenas um período marcado por mudanças biológicas, mas também por circunstâncias sociais que os colocam em uma posição de dependência em relação aos pais, um aspecto que contrasta com a percepção da autonomia adulta.

Os jovens estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS destacaram a insegurança presente em seus deslocamentos urbanos, embora isso não os impeça de transitar pela cidade. Essa realidade reforça a importância das vivências sociais coletivas para a juventude contemporânea. Entretanto, o trânsito urbano ocorre, em parte, pela naturalização da violência em seu cotidiano. Essa normalização não implica ausência de medo ou de medidas de precaução, mas reflete uma adaptação às condições urbanas que incorporam a insegurança como um elemento do dia a dia. Ainda assim, cabe sublinhar que a violência não afeta todos de forma igual: questões de gênero, classe social e etnia desempenham um papel central na experiência de insegurança, algo que esta pesquisa não pôde aprofundar devidamente.

A casa emergiu como um espaço significativo para os jovens, tanto por questões de segurança quanto de conforto. Esse ambiente, além de proporcionar proteção, é um local de práticas sociais coletivas, como jogos virtuais e encontros festivos. Outro ponto relevante é a preferência dos jovens por evitar locais muito lotados, apontando uma tendência a buscar espaços mais tranquilos. Nesse contexto, o Colégio de Aplicação aparece como um local central em suas rotinas, embora não tenha sido mencionado como uma opção para levar visitantes.

O shopping foi amplamente citado como um espaço de destaque entre os jovens, devido à sua ambientação moderna e voltada ao consumo — um traço marcante das gerações atuais, frequentemente associadas ao consumismo. Em contraste, locais mais tradicionais, como clubes, teatros e museus, são menos frequentes em suas práticas cotidianas. Ainda que os jovens não tenham abordado diretamente a relação entre segurança e escolha de espaços, é evidente que locais como shoppings, a casa e o próprio colégio são vistos como mais seguros. Isso indica que a violência urbana de Porto Alegre, embora naturalizada, continua a influenciar os hábitos e os ambientes frequentados pelos jovens, revelando uma insegurança que, longe de ser completamente normalizada, permanece como fator condicionante.

No que diz respeito ao Colégio de Aplicação, os jovens demonstraram, em sua maioria, uma relação positiva com a instituição, valorizando as oportunidades e a qualidade da educação oferecida. Contudo, surgiram relatos de conflitos, especialmente relacionados a preconceitos e desentendimentos pontuais.

Por fim, quanto ao protagonismo juvenil na sociedade contemporânea, os jovens entrevistados ofereceram respostas críticas e reflexivas. Foram identificados três fatores que contribuem para esse protagonismo: o domínio das tecnologias digitais, a ampliação de espaços que permitem maior liberdade de expressão e a formação educacional mais aberta e diversificada, características que diferenciam a juventude atual de gerações anteriores.

Referências

BARBOSA, Júlia Barbosa; SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos; OLIVEIRA, Leonardo Brião de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. “Metodologia De Cartas” Como Forma de Análise dos Trânsitos Urbanos de Jovens Contemporâneos. **Revista FSA**, Teresina, v.17, n. 2, art. 11, p. 209-224, 2020. Disponível em:

<http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1932>. Acesso em: 3 jan. 2025.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 ago. 2013a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 3 jan. 2025.

BRASIL. Agenda Juventude Brasil 2013: Pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros. Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, 2013b.

Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/91>. Acesso em: 3 jan. 2025.

BRASIL. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 2016. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 3 jan. 2025.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARDOSO, Diogo da Silva; NETO, Nécio Turra. **Juventude, cidade e território**: esboços de uma geografia das juventudes. Anais do I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em:

<https://www2.ufjf.br/nugea/wp-content/uploads/sites/338/2019/09/JUVENTUDE-CIDADE-E-TERRIT%C3%93RIO-ESBO%C3%87OS-DE-UMA-GEOGRAFIA-DAS-JUVENTUDES.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2025.

CASSAB, Clarice. A cidade como espaço público: uma interpretação pautada na fala dos jovens. **Mercator**, Fortaleza, v. 9, n. 20, p. 83 a 91, 2011. Disponível em:

<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/425>. Acesso em: 03 jan. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], n. 35, p. 74–86, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>. Acesso em: 3 jan. 2025.

CLARK, David. **Introdução à Geografia Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FEIXA, Carles. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, Mario; CUBIDES, Humberto; VALDERRAMA, Carlos. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998.

GROPPO, Luís Antonio; TREVISAN, Júnior; BORGES, Livia Furtado; BENETTI, Andréa Marques. Ocupações no sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 141-164, jan./mar. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/download/8647616/15204/>.

Acesso em: 3 jan. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, 2004. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/202>. Acesso em:

Acesso em: 3 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. (De) marcando a cidade: vivências urbanas de jovens-estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/82695>. Acesso em: 3 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-alegrenses. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9109>. Acesso em: 3 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>. Acesso em: 3 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes: mapeando espacialidades juvenis. **GeoPUC**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 16, p. e00090, 2024. Disponível em: <https://geopuc.emnuvens.com.br/revista/article/view/90>. Acesso em: 3 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa. Culturas Juvenis e Pertencimento Urbano: mapeando os Fluxos Juvenis na Cidade. **Revista FSA**, v. 15, n. 2, art. 6, p. 110-124, 2018. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1533>. Acesso em: 3 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PREVEDELLO, Tatiana; LACERDA, Miriam Pires Corrêa De; SANTOS, Andreia Mendes dos. Jovens percepções do urbano em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. **Revista Annales FAJE**, v. 3, p. 345-356, 2018. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4286/4321>. Acesso em: 3 jan. 2025.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; NOVAES, Regina Célia Reyes. Juventudes, educação, política e violência: uma entrevista com Regina Novaes. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e71209, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/YDXnxFVQ4vDb5PHgDx7BDjL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 jan. 2025.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos; OLIVEIRA, Leonardo Brião de; BARBOSA, Júlia Barbosa; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Culturas Juvenis: Um Estudo Sobre as Vivências dos Estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS. **Revista FSA**, Teresina, v.16, n.2, art. 11, p. 199-218, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/275877?locale-attribute=en>. Acesso em: 3 jan. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SILVA, Gabrielle Bezerra da; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Quem são os jovens que vivenciam o “novo” Ensino Médio? Um estudo de caso em Porto Alegre/RS. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 7, p. 915–930, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/3442>. Acesso em: 3 jan. 2025.

Notas de autoria

Gabriela Borba Bispo dos Santos é Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é Mestranda em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Contato: gabrielasantos1996@hotmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0219822413040642>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1070-2976>

Victor Hugo Nedel Oliveira é Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (GEPJUVE/UFRGS/CNPq).

Contato: victor.nedel@ufrgs.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489113176882485>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SANTOS, Gabriela Borba Bispo dos; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes escolarizadas e suas percepções do espaço urbano: segurança pública, cidade e escola. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 90-106, jul. 2025.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

2.630.477

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista **Sobre Tudo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada

neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista **Sobre Tudo**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 03/01/2025

Aprovado em: 10/07/2025

Publicado em: 30/07/2025